

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS DINISIANAS

Felícia Pinheiro Gomes (1); Thâmara Soares de Moura (2);

(1) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, felicia_gomes@hotmail.com; (2) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, thamara.soares068@gmail.com.

Júlio Dinis, grande autor da terceira fase romântica em Portugal, destacou-se no campo literário por apresentar um estilo marcante, impessoal, verossímil e dotado de uma linguagem prática – fato esse que o fez ser tão bem recebido pelo público. Partindo disto, o presente trabalho tem por objetivo apresentar e analisar a construção das personagens no romance *As pupilas do Senhor Reitor* (1867). Isto posto, adotou-se como método de pesquisa a abordagem qualitativa, tomando como *corpus* central alguns fragmentos da referida obra, de modo a fundamentar-se em autores e estudiosos da área, como: Moisés (2013), Saraiva (1968) e Saraiva (1999), tecendo discussões acerca da biografia do autor, bem como do contexto histórico; além de Carvalho (2010) e Brait (1987), sob a perspectiva da construção das personagens no romance. A partir das análises realizadas, constatou-se que os indivíduos ficcionais que compõem a trama podem ser classificados como personagens-tipo, providos de valores e preceitos que representavam e sustentavam as ideologias que regiam a sociedade portuguesa da época, refletindo, assim, os ideais próprios do Romantismo. Desta forma, conclui-se que o romance *As pupilas do Senhor Reitor* (1867) possui características lineares às demais obras do autor, seguindo à risca, portanto, as suas principais marcas de escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Júlio Dinis, Romantismo, Terceira fase, Personagens, Verossimilhança.

Introdução

O Romantismo, conforme Saraiva (1968), foi um movimento político, literário e filosófico que vigorou na Europa entre os séculos XVII e XIX. Suas origens podem ser encontradas na França, mas contou também com influências inglesa e alemã na sua formação. Contrapondo-se aos ideários objetivistas e racionais do Neoclassicismo, caracterizou-se pela valorização do “eu”, ou seja, voltou-se ao interior humano, de forma subjetiva e idealizadora. Além disso, representou artisticamente a ascensão social burguesa e seus respectivos valores, em consequência à Revolução Francesa e Industrial. Portanto, o acontecimento concomitante literário e político caracteriza de forma geral o período, sendo a literatura romântica materializada como “uma ruptura com o passado, do mesmo modo que a revolução política” (SARAIVA, 1968, p. 114).

Neste período, as produções literárias que antes giravam em torno da elite europeia, passaram a ser difundidas para as classes mais inferiores com apoio do gênero romance, mas fora dos moldes clássicos (SARAIVA, 1968, p. 111). Este

novo público, portanto:

sem educação literária, ignorando os valores tradicionais, a gíria poética, a *virtuose* técnica, as alusões mitológicas e outras, preferia uma linguagem mais correntia e mais directa, mais abundante que sóbria, pouco lhe importando que o autor infrinja ou não os padrões do bom gosto estabelecidos pela herança literária. Tendo um contacto mais directo com a vida real e com a natureza, este mesmo público aprecia o descritivo concreto, a paisagem, o pitoresco; e, tendo uma sensibilidade mais espontânea e impulsiva, é mais sensível do que as antigas *elites* aos enredos romanescos, ao sensacional e ao exótico, ao sentimentalismo, e menos exigente de contenção, medida e sobriedade. (SARAIVA, 1968, p. 112)

Logo, havendo uma maior liberdade de produção, o autor e o público leitor voltaram-se cada vez mais para as descrições cotidianas, interessando-se por temas pitorescos, subjetivos e sensíveis. Esta nova literatura, desta forma, ofereceu uma variedade de temas e uma riqueza de conteúdo que excede largamente as da literatura clássica (SARAIVA, 1968, p. 112).

Isto posto, é oportuno citar Júlio Dinis, um dos autores de maior destaque da terceira fase romântica em Portugal e que conquistou o público leitor através do estilo de escrita: simples, impessoal e próxima à realidade. Inserindo-se num período de transição entre o Romantismo e o Realismo é possível denotar em suas obras características comuns aos dois períodos, como, por exemplo, a construção de tramas envoltas por intrigas e desfechos felizes, além de personagens tipificadas – típico do Romantismo –, mas com personalidades influenciadas pelo meio externo – próprio ao Realismo. Partindo disto, este trabalho objetiva apresentar e analisar a caracterização das personagens de um de seus romances, *As pupilas do Senhor Reitor* (1867), tomando como método de pesquisa a abordagem qualitativa, sob a luz de teorias de autores e estudiosos da área, como: Moisés (2013), Saraiva (1968; 1999), expondo a biografia do autor, bem como os acontecimentos históricos do período; além de Brait (1987) e Carvalho (2010), tecendo discussões mais aprofundadas sob o viés da construção das personagens no referido romance.

O período romântico em Portugal

O romantismo em Portugal, assim como ocorreu nos demais países europeus, nasceu simultaneamente a uma revolução: a Liberal (SARAIVA, 1968). Num período em que a Igreja Católica teve o seu monopólio cultural e religioso rompido, e a nobreza, seus bens confiscados, a “nova” sociedade, agora laica, necessitava

urgentemente se adaptar aos novos costumes e ordem social. A literatura, naturalmente, acompanhou as mudanças do contexto social, substituindo a posição do “sagrado literário” pregado pela Igreja Católica, pelas narrativas românticas, tendo em vista a forte influência cultural francesa no país. (SARAIVA, 1999). Em contrapartida, o estabelecimento do Romantismo só se deu completamente após a resolução da sucessão de D. João VI (MOISÉS, 2013, p. 184), desenvolvendo-se em três fases.

Desta forma, tendo Herculano e Garret como impulsionadores do movimento em Portugal, o primeiro momento, conforme Moisés (2013), configurou-se como uma fase de transição entre o Neoclassicismo e o próprio Romantismo. Por este motivo, os autores citados ainda apresentavam em suas escritas resquícios das características neoclássicas em companhia dos ideais subjetivos e idealizadores românticos.

A segunda geração romântica, por sua vez, foi marcada pela *Literatura da Regeneração*, que, conforme Saraiva (1968, p. 135), foi o movimento europeu que possibilitou a doutrinação socialista e republicana, além de uma literatura de protesto social, refletindo diretamente em Portugal. Neste momento, tratou-se com mais intensidade os elementos pitorescos e mórbidos. Desta forma, pode-se destacar João de Deus e Camilo Castelo Branco como principais representantes.

Tendo em vista que, por volta do século XIX, não só as ideias literárias na França, mas, também, todo o contexto social e filosófico foi novamente palco de reações “contra os mitos e as ilusões da mentalidade romântica, especialmente contra certo falso idealismo e o embelezamento fantasista da realidade” (SARAIVA, 1968, p. 147), o período deu, aos poucos, lugar às novas ideologias do Realismo. Este cenário de transformações afetou diretamente Portugal, uma vez que suas influências socioculturais e literárias eram provenientes dos ideais franceses. A partir deste contexto social, a terceira fase representou, portanto, a transição do período romântico para o Realismo. Por este motivo, caracterizou-se pelo “agoniado ideal romântico e o despontar das novas correntes ideológicas de origem francesa”, além do “tardio florescimento literário [...] em fusão com remanescentes do Ultra-Romantismo bruxuleante” (MOISÉS, 2013, p. 207). Segundo o autor, seus representantes aqui apresentaram diferentes influências de escrita: ora extremamente romântica, ora transicional. Portanto, pode-se citar Tomás Ribeiro, Bulhão Pato, Faustino Xavier de Novais e Júlio Dinis.

Conforme Moisés (2013), a finalização oficial do

período no país só ocorreu com a “Questão Coimbrã”: uma espécie de embate no campo ideológico entre Feliciano Castilho, representante do Romantismo, e Antero de Quental, realista. Este fato, portanto, foi o marco final da visão romântica nas relações sociais e literárias, trazendo a visão objetiva da realidade do Realismo no contexto português.

Júlio Dinis: aspectos biográficos e estilísticos do autor

Segundo Saraiva (1999, p.118-120), Júlio Dinis, pseudônimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1838-1871), caracteriza-se por seu estilo de escrita sóbria, impessoal e sem ornatos. Pertencente a última fase do romantismo, suas obras possuem traços que transitam entre o Romantismo e o Realismo. Os seus enredos, sempre verossímeis, passeiam sempre entre os temas da vida no campo ou mercantilista do porto. As personagens, por sua vez, são construídos por sentimentos e um leve toque de humor e caricatura. Além disso, conforme Carvalho (2010), estes participam de intrigas em vários níveis, que se emaranham entre si no decorrer da trama, mas que se resolvem com final feliz em seu desfecho. Suas principais obras são: Uma Família Inglesa (1868), As Pupilas Do Senhor Reitor (1867), entre tantas outras.

A construção das personagens em *As pupilas do Senhor Reitor*

De acordo com Brait (1987), o escritor busca vários meios para a criação das suas personagens, como, por exemplo, experiências com a realidade ou com o mundo imaginário, experimentos cotidianos ou com sonhos e pesadelos. Portanto essas criaturas só podem se concretizar de forma que torne sua presença explícita e real, o que ocorre por meio de um código na linguagem, utilizado pelo autor. Neste viés, Júlio Dinis expressou com excelência em seus personagens os reflexos sociais, tendo em vista que considerava a humanidade um “eterno palco de amores, de sonhos, de frustrações, e também de querelas envolvendo o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, o feio e o belo” (CARVALHO, 2010, p. 351). Calcou-os, deste modo, em valores e preceitos que representavam e sustentavam as ideologias que regiam a sociedade portuguesa da época.

Quanto ao romance *As pupilas...*, a trama se passa em uma pequena aldeia portuguesa, em meados do século XIX. O romance conta a história de amor das irmãs Margarida e Clara, com os rapazes Daniel e Pedro, também irmãos. No decorrer do enredo as personagens passam por vários conflitos. Daniel e Pedro eram filhos do lavrador José das Dornas que, apesar do laço familiar, eram muito diferentes. Pedro, era forte alto, e de um belo padrão de beleza, com vocação para seguir os caminhos do pai, no

campo. Daniel, por sua vez, era muito frágil, vivia aos cuidados de José, e não tinha condições de trabalhar na roça. Percebendo isso, seu pai decidiu que mandaria ele para o seminário, pois tinha o sonho de torna-lo Padre. Logo, foi falar com o Senhor Reitor Antônio, figura clerical de grande prestígio e conciliadora naquela cidadezinha, para que desse aulas de Latim ao rapaz. Mas, logo o Reitor descobriu que Daniel tinha um romance com Guida, e achou por bem que Daniel não teria vocação para ser Padre, aconselhando torna-lo médico, na cidade. Dez anos depois, Daniel voltou para a aldeia, completamente diferente de antes: se tornara um namorador incontrolável, esquecendo das juras de amor que fizera na infância a Margarida. Seu irmão Pedro, estava noivo de Clara, irmão de Guida, e ao chegar, Daniel sentiu uma forte atração pela noiva do irmão. Com o passar do tempo, Clara começou a corresponder as investidas do rapaz, aceitando encontra-lo, um dia, no jardim da casa da moça. Pedro, que começou a desconfiar da traição, resolveu ir atrás. Antes que pudesse flagrar os dois, Margarida, sabendo das suas intenções, troca de lugar com Clara, impedindo que o rapaz fizesse uma desgraça. Em contrapartida, o ocorrido torna-se um escândalo e Margarida, por sua vez, fica mal falada em toda cidade. Desta forma, Daniel, comovido com a atitude altruísta, se apaixona novamente. Durante algum tempo, a moça o rejeitou, mas o amor falou mais alto e logo o perdoou. A trama encerra-se com o casamento entre Pedro e Clara, e de Daniel com Margarida, que viveram felizes.

Isto posto, percebe-se que as personagens que compõe o romance apresentam características verossímeis à realidade a qual se inseriam, incorporando as transformações sociais, bem como os valores morais da época. Desta forma, pode-se elencar cinco personagens principais: os irmãos Pedro e Daniel; as irmãs Clara e Margarida; e, por fim, o Senhor Reitor.

Atentando-se às características, o fragmento abaixo qualifica um dos irmãos, Pedro:

Pedro era, de fato o tipo da beleza masculina, como a compreendiam os antigos. O gosto moderno tem se modificado, ao que parece, exigindo nos seus tipos de adoção o que quer que seja de franzino e delicado, que não foi por certo o característico dos mais perfeitos homens de outras eras. A organização talhara Pedro para a vida de lavrador, e parecia apontá-lo para suceder ao pai no amanho das terras e na direção dos trabalhos agrícolas. (DINIS, 1997, p. 14).

Logo, a personagem constrói-se de forma a representar, além do padrão de beleza, a ideologia rural vigente na época, enquanto seu irmão Daniel era o oposto. Pode-se fundamentar esta proposição a partir da seguinte passagem:

Daniel já tinha condições físicas e morais muito diferentes. Era o avesso do irmão e por isso incapaz de tomar o mesmo rumo de vida. Possuía uma

constituição quase de mulher. Era alvo e louro, de voz efeminada, mãos estreitas e saúde vacilante. (DINIS, 1997, p.14).

Daniel, portanto, configura-se num menino frágil que não era dado aos trabalhos do campo. Vivia aos cuidados do pai, que desejava para seu filho a carreira clerical. No entanto, o Senhor Reitor – uma espécie de figura religiosa mediadora – o viu a desenvolver um romance com Margarida e aconselhou seu pai, Sr. José das Dornas a enviá-lo para cidade para se tornar médico. Esta passagem, desta forma, vem a confirmar a oposição dos dois irmãos anteriormente citada.

Porém, após alguns anos e, influenciado pelo meio, o rapaz volta completamente diferente:

Daniel era agora um esbelto rapaz de vinte e três anos, de aspecto mais varonil, mas conservando ainda a mesma delicadeza de organização, que o caracterizara na infância, e que tantas apreensões fizera conceber ao pai. (DINIS, 1997, p.94)

Neste novo momento, o rapaz personifica-se a partir dos novos pensamentos e ideais daquela época, tendo em vista que absorvera costumes da cidade, estando, segundo os olhares da população, “contaminado” por esses novos valores. Numa visão mais ampla, os dois simbolizavam, cada um com suas características, o movimento de transição da cultura tradicionalista rural para a cultura urbana na sociedade da época.

As irmãs, Margarida e Clara, por sua vez, também se materializam numa construção de tipos (com características opostas, assim como os irmãos), comum ao estilo romântico. Este pressuposto evidencia-se nos fragmentos a seguir:

Guida era o fruto único do primeiro matrimônio de seu pai, cuja morte recente acabara de a fazer órfã de todo. Entregue ao domínio de um madrastra, que não desmentia pela sua parte, a fama que de ordinário acompanha este pouco simpático nome, tivera a experimentar, nos maus tratamentos recebidos e na frieza ou declarada aversão, como que lhe dispensavam os poucos cuidados de que se via objeto, toda a amargura de uma existência sem carinhosas afeições, esse tão necessário alimento ao coração das crianças. Arredada de propósito de casa, e passando dias inteiros nos montes, a acompanhar o gado, habituou-se de pequena a vida da solidão - e é sabido que hábitos de melancolia se adquirem nesta escola. (DINIS, 1997, p. 44)

Perdendo seu pai e sua mãe, acabou sendo criada por sua madrastra. Esta, por sua vez, a maltratava bastante. Mas, contrariando todas as possibilidades, o seu caráter não se moldou a tais qualidades negativas da madrastra. Mostra-se nesse trecho, dessa forma, traços sutis de heroísmo em Margarida, característica esta pertencente ao romantismo.

Após alguns anos, Margarida, apesar de possuir um caráter suave e de boas maneiras, tornou-se uma mulher melancólica em decorrência da infância sofrida:

Em resultado de tudo isto, passados dias, começou Margarida sua tarefa de educação, à qual se entregava com amor. [...] Esta fase mais bonançosa da existência de Margarida já não conseguiu porém modificar-lhe o caráter pensativo e suavemente melancólico, que a infância oprimida lhe fizera contrair. Adquirira já o hábito da tristeza e das lágrimas, e este, como todos os hábitos, não se perde facilmente. (DINIS, 1997, p.65)

Dessa forma, ao atentar para a influência dos acontecimentos no que concerne ao comportamento da personagem, o fragmento vem a comprovar raios realistas na obra, mais especificamente o determinismo, em que o meio influencia a construção da personalidade humana.

Clara, por sua vez, apresenta-se também como uma mulher de virtudes. Porém, não traz consigo marcas tristes da infância como sua irmã:

Não herdara da mãe durezas de coração nem violências de gênio. Afável no meio de suas alegrias de infância, compadecia-se já pelo que via sofrer a irmã, e admirando aquela resignação de mártir, que ela bem se conhecia incapaz de mostrar em ocasião alguma da vida, principiou a olhar para Margarida com certo respeito, que, pouco a pouco, degenerou em prestígio e lhe cultivou no coração uma verberação sem limites. (DINIS, 1997, p.54)

Clara era a emoção, agia por impulso sem se preocupar com as consequências, às vezes, chegava até a ser leviana. Margarida era a oposição, ela é razão, é a irmã mais centrada, preocupa-se muito com o que a sociedade pode pensar ao seu respeito.

Havia também outra figura de bastante importância na sociedade como um todo: o Senhor Reitor Antônio.

Era este reitor um padre velho e dado, que há muito conseguira na paróquia transformar em amigos todos os fregueses. Tinha o Evangelho no coração - o que vale muito mais ainda do que tê-lo na cabeça. A qualidade de egresso não tolhia os ser liberal de convicção. Era-o como poucos. (DINIS, 1997, p. 15)

O Senhor Reitor materializa-se na trama como uma figura centralizadora, paternal e conciliadora entre seus fiéis, retratando, numa visão mais ampla, a representatividade do clero enquanto uma das bases sociais monopolizadoras no período romântico em Portugal.

Considerações finais

A partir das análises realizadas, constatou-se que os indivíduos ficticiais que compõem a trama podem ser classificados como



personagens-tipo, providos de valores e preceitos que representavam e sustentavam as ideologias que regiam a sociedade portuguesa da época, refletindo, assim, os ideais próprios do Romantismo. Contudo, pelo fato de o autor ser da transição do Romantismo para o Realismo, foi possível perceber em sua escrita, traços Realistas.

Desta forma, conclui-se que o romance *As pupilas do Senhor Reitor* (1867) possui características lineares às demais obras do autor, seguindo à risca, portanto, as suas principais marcas de escrita, sua forma impessoal, a semelhança com a realidade e sua linguagem prática e de fácil compreensão, o fez ser tão bem recebido pelo público.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo, editora Ática, 1985.

CARVALHO, Joaquim Jorge Silva. **Acção, Cenas e Personagens na Narrativa Dinisiana: As Pupilas do Senhor Escritor**. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.

SARAIVA, António José. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SARAIVA, A. J. **História da Língua Portuguesa**. 9ª edição. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968, 180 p., Coleção Saber.

Disponível em: <www.passeidireto.com/arquivo/22441673/saraiva-a-j-historia-da-literatura-portuguesa-9-ed>. Acesso em 16 de mai. de 2017, às 17:45.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37ª edição. São Paulo: Cultrix, 2013, 576 p.